

ro da Silveira, VIII

Nemésio



veu, mesmo nas páginas menores, o servi-la como se serve o grande, o máximo amor duma vida.

Foi pena, repito, que Nemésio não concluísse *O Cárcere*. Mas, paciência! Afinal, na ficção tanto como na poesia, ou no ensaio, na biografia, em todos os géneros literários que abordou na adultez, ele deixou obra que não morre. Podemos dizer adeus ao homem; o escritor, esse, continua e continuará vivo!

¹Certamente aproveitando esta preciosa informação de Pedro da Silveira,

— um mês depois, a 30 de Março de 1978 — o *Diário de Notícias* publicou, por cortesia da família de Nemésio, o primeiro capítulo deste romance.

²Nas últimas folhas do livro, Vitorino Nemésio — em nota datada de 12 de Setembro de 1927 — acrescentou um *In Memoriam* do editor Júlio Monteiro Aillaud, o *perfectus librarius* a quem deveu «em última instância a perspectiva, quase sempre ilusória mas acarinhada de novatos, de um culto e largo mercado que me difunda os livros». A página é quase histórica, pois Nemésio refere-se à

«indulgente e enternecedora amizade de Raul Brandão e Aquilino Ribeiro, que espontaneamente se constituíram meus advogados junto do editor magnífico».

³Na verdade, começou a 12 de Dezembro de 1945. O título deste primeiro artigo é «O livro aberto».

⁴Sobre Silveira e Lewis v. Vasco Rosa, «Dois florentinos esquecidos», in *Grotta. Arquipélago de Escritores*, n.º 3, 2018-19, pp. 166-75. Pode também ser lido na página do grupo público de facebook criado para estas comemorações: MesadeAmigos2022.

rações: MesadeAmigos2022.

⁵Mesquita e Lewis foram figuras de proa da literatura da Ilha das Flores, e o papel de Nemésio na sua valorização não poderia deixar de ser sublinhado neste depoimento, acção em que de resto Silveira também participou, como aliás aqui relata e não podia deixar de ser...

⁶«Quase todos os anos», mas só depois de 1953, quando enfim voltou aos Açores, para escrever *Corsário das Ilhas*, título colhido do nome duma república de estudantes em Coimbra.